



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO- BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**ANANDA ÁTILA PEREIRA SANTANA**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO TURBANTE NA AFRO-DIÁSPORA:  
UMA ANÁLISE DO OJÁ USADO NO CANDOMBLÉ NA BAHIA.  
NAÇÕES CONGO-ANGOLA, JEJE E KETU**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**ANANDA ÁTILA PEREIRA SANTANA**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO TURBANTE NA AFRO-DIÁSPORA:  
UMA ANÁLISE DO OJÁ USADO NO CANDOMBLÉ NA BAHIA.  
NAÇÕES CONGO-ANGOLA, JEJE E KETU**

Trabalho apresentado à banca examinadora da UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para a obtenção do título de Bacharela Interdisciplinar em Humanidades, sob orientação do Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**ANANDA ÁTILA PEREIRA SANTANA**

**A RESSIGNIFICAÇÃO DO TURBANTE NA AFRO-DIÁSPORA:  
UMA ANÁLISE DO OJÁ USADO NO CANDOMBLÉ NA BAHIA.  
NAÇÕES CONGO-ANGOLA, JEJE E KETU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharela em Humanidades.

Data da aprovação: 10/02/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

**Profa. Dra. Ana Claudia Gomes de Souza**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

**Profa. Dra. Tacilla da Costa e Sá Siqueira Santos**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                | <b>5</b>  |
| <b>2</b> | <b>TEMA</b>                                      | <b>9</b>  |
| <b>3</b> | <b>PROBLEMA DA PESQUISA</b>                      | <b>9</b>  |
| <b>4</b> | <b>JUSTIFICATIVA</b>                             | <b>10</b> |
| <b>5</b> | <b>OBJETIVOS</b>                                 | <b>11</b> |
| 5.1      | OBJETIVO GERAL                                   | 11        |
| 5.2      | OBJETIVOS ESPECÍFICOS                            | 11        |
| <b>6</b> | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>               | <b>11</b> |
| <b>7</b> | <b>ARCABOUÇO TEÓRICO</b>                         | <b>13</b> |
| 7.1      | O OJÁ COMO ARTE E MODA                           | 15        |
| 7.2      | UMA LUZ QUE ILUMINA MEU CAMUTUÊ: A VIDA DOS OJÁS | 16        |
| <b>8</b> | <b>CRONOGRAMA</b>                                | <b>17</b> |
|          | <b>Referências</b>                               | <b>18</b> |
|          | <b>Glossário</b>                                 | <b>20</b> |
|          | <b>Anexos</b>                                    | <b>21</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

“O candomblé incorpora, funde e resume as religiões do negro africano e sobrevivências religiosas dos indígenas brasileiros, com muita coisa do catolicismo e do espiritismo”.  
(CARNEIRO, 1991, p.33).

Quando comecei a buscar referências para desenvolver essa pesquisa, recordei do título do livro da historiadora, professora, pesquisadora, ativista e feminista negra interseccional, Giovana Xavier (2019). “Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história”. Tomando base as perspectivas pessoais, esta pesquisa se entrelaça feito uma trança nagô junto à minha descoberta como mulher negra desbravando um mundo pelo qual tive grandes receios.

Desde os 12 anos alisava meus cabelos, primeiro por meio de permanentes-afros para definir os cachos e tirar o volume, depois fiz uso da chapinha, mega-hair e alisamentos definitivos. A principal ideia era esteticamente me assimilar com as mulheres brancas, entrando no padrão de beleza exposto. Foi uma luta constante até me descobrir preta, pois, tive que desfazer preconceitos enraizados os quais foram criados ao logo da infância e parte da adolescência. Para isso, tive também que me desvencilhar da religião a qual praticava desde criança até parte da adolescência, foi quando em 2012 fiz minha transição capilar que consiste em deixar o cabelo com sua textura natural, rompendo assim os padrões de beleza ao qual fui “acorrentada” durante anos.

Logo depois do processo de transição capilar fui questionada: “cortou o cabelo, saiu da religião e está usando turbante”, “entrou para o candomblé, abandonou sua religião para servir ao Diabo?”. Foram várias as falácias ao qual fui submetida, com os vieses preconceituosos e racistas. Como fui criada demonizando o candomblé, abominei todos os comentários e odiava ser associada a uma nova religião, até então, o motivo pelo qual tinha cortado o cabelo e aderido o turbante foi como forma de empoderamento e resistência.

Passei parte da minha vida acreditando em um mundo cristão cheios de receios, dogmas e punições, mundo este ao qual me sentia aprisionada. Todos os comentários depreciativos ao meu respeito causaram-me inquietações, comecei a pensar e questionar: por que tinha medo do candomblé, dos orixás e das pessoas que praticavam a religião, já que, nunca tinha adentrado em um terreiro de candomblé?

Até que numa bela noite, tomei a iniciativa de visitar um terreiro perto da minha casa. Fui nervosa, com medo dos olhares. Quando cheguei lá, estava na porta um ogan da casa,

chamado Elias, que, educadamente, me convidou para a festa que aconteceria no final daquela semana. No dia da festa não fui sozinha, levei minha amada prima Juliana. Fomos tímidas e bem arrumadas. Fiz um belo turbante com tecido africano, optando em vestir branco, pra ficar a caráter, visto que, anteriormente, tinha pesquisado como poderia me vestir para visitar um terreiro de candomblé e não queria passar vergonha. Vale ressaltar que as indumentárias trajadas pelos os povos de santo, são extremamente exuberantes, ricas em detalhes, tecidos, cores e jóias.

Nunca esquecerei os momentos marcantes. Já estava tocando o xirê (palavra em Iorubá que significa roda ou festa) para os orixás, quando adentrei pela primeira vez no terreiro de candomblé. Todo meu corpo arrepiava, meus olhos lacrimejavam, meu coração pulava ao som dos atabaques. Parecia estar num sonho, algo surreal tomava conta do meu corpo, era como nascesse para estar ali. Os batuques dos atabaques me conduziam e traziam paz, as cantigas me embalavam, a gira, a roda, tudo ali me impressionava. Era muito magnífico e envolvente. Naquele momento, tive a plena convicção da minha ancestralidade. De forma absoluta, aquele lugar me pertencia.

Outro momento que chamou minha atenção foram os “turbantes” e pensei: essas amarrações não se parecem com as que faço, nem os tecidos eram iguais aos meus. Diante disso, fiz um questionamento: “como as pessoas não conseguem distinguir?”.

Era notória a grande diferença entre o turbante e o ojá<sup>1</sup>. Em seguida, veio em minha direção uma bela mulher, trajada divinamente, elogiando meu turbante. Retribuí o elogio, dizendo que seu turbante também era lindo. Logo ela explicou que não era um turbante e sim um ojá. Demonstrei curiosidade em saber do que se tratava, já que, até então, nunca tinha ouvido falar sobre o ojá. Ela, pacientemente, apresentou-se: “Me chamo Neia de Obá, sou Mãe-de-santo”. Em seguida, me contou brevemente a história de Obá e porque seu ojá estava amarrado daquela maneira peculiar.

Contou-me que Obá - um orixá feminino, guerreira, poderosa e destemida - se tornou a terceira mulher de Xangô, e, por amor a ele, Obá cortou sua orelha e cozinhou uma sopa que depois serviu-lhe. Por conta disso, na amarração do ojá, as filhas de Obá deixam transparecer uma ponta do tecido para fora, representando a sua orelha. Quando manifestadas, por sua vez, suas filhas buscam esconder a orelha cortada.

Fiquei em êxtase com aquela breve história de Obá que me encantou profundamente. A partir daquele momento, estava disposta a aprender mais sobre o candomblé. Reverenciei o

---

<sup>1</sup> Turbante/Torço utilizado na cabeça, no corpo e nas sacralidades das religiões de matrizes africana.

candomblé como minha religião tornando-me abiã (pessoa que entra para a religião do candomblé). E em um jogo de búzios se confirmou o meu orixá de cabeça, sou filha de Yewá, orixá feminino, da vidência e das possibilidades. Quando soube que Yewá reinava em meu orí (cabeça, em Iorubá) minha vida passou a mudar completamente, e eu escolhi ser de axé.

Desde então, comecei a sair de casa com modelos diferentes de turbantes, sendo constantemente parada nas ruas da cidade de Candeias, com diversos questionamentos sobre como amarrava o turbante daquela maneira e pedidos de tutoriais de amarrações. Foi então que decidi juntar meu amor por turbantes e moda, passando a ter uma marca chamada “Africanize-se”. Cabe ressaltar, que sonhei com esse nome. Orixá é vivo em nossas vidas, sou filha de Yewá, orixá da vidência, nenhum sonho é em vão.

A “Africanize-se” tem como missão valorizar à cultura afro-brasileira através do uso de turbantes, acessórios e vestuários que resgatam nossa ancestralidade. A incessante busca pelo resgate do empoderamento e ancestralidade, levou ao meu recomeço, desde o cabelo até o uso dos turbantes, passando pela descoberta de uma nova religião. Levou-me, deste modo, a uma nova perspectiva. O turbante e o candomblé conectaram minha ancestralidade que estava perdida ao meu interesse pela moda, abrindo assim novas abrindo assim novas oportunidades. Para Lody (2015), “A indumentária é um território de identidade experimentada no corpo. E é certamente na indumentária que se marca e se expõe o sentido espacial do corpo”. Na mesma fundamentação, comecei a me debruçar e pesquisar sobre o vasto universo do candomblé. Em 2017 me formei em designer de moda pela Universidade Salvador (UNIFACS), tendo abordado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a inspiração as cores dos orixás: Oxalá, Yewá, Nanã, Iemanjá, Obá, Oxum e Iansã. Neste sentido, ressalto que, ao escolhemos uma roupa, um acessório, por vezes, inconscientemente, tem a ligação com o nosso orixá. Cada orixá tem sua cor, simbologia, sua ocupação e o seu dia na semana e, a partir destas questões, que propus a coleção “Si Ta (estampa, em Iorubá) Àwó Ti Orixá” (Cor de orixá, em Ioruba), trazendo à tona um diálogo estético e político de afirmação com a valorização e empoderamento através da estética da moda.

Quando concluí a primeira graduação almejei outra para a continuação do meu propósito que consistia em “falar sobre a importância do ojú”. Foi quando, nas incessantes buscas, encontrei a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) que tem como proposta a descolonização dos currículos e uma educação afrocentrada. A moda é vista como algo descartável, mudam-se as tendências, as passarelas, o ojú vai além da moda que é efêmera, sendo um fenômeno que, no candomblé, está presente no orí (cabeça), no corpo e nas sacralidades.

Seguindo o percurso etnográfico da antropóloga Rute Landes em seu livro *A Cidade das Mulheres* (2001), que impactou o conceito de matriarcado nos candomblés da Bahia, partilharemos das perspectivas e relatos de Mães-de-santo de diferentes nações das cidades da Bahia para nortear esta pesquisa com objetivo de compreender o papel as funções da vida dos ojás no interior da sociedade estudada.

As nações que mais se destacaram no Brasil foram congo-angola<sup>2</sup>, jeje<sup>3</sup> e ketu<sup>4</sup>, o terreiro de candomblé da nação ketu escolhido para essa pesquisa está localizado na cidade de Candeias. Segundo o historiador candeense Jair Cardoso (2008, p.25), “os candomblés de Candeias são em sua maioria da nação ketu”. O Ilê Axé Ominikan da Iyalorísà Sueli de Oxum, localizado no bairro do Santo Antônio, é um dos terreiros mais respeitados da cidade. Mãe Sueli de Oxum é uma liderança que encabeça vários eventos de axé da cidade de Candeias.

O segundo terreiro que também será parte da pesquisa é o Onzo Matondo Tata N’zambe, foi o primeiro da nação angola na cidade de São Sebastião do Passé, fundado em 11 de maio de 1948 pelo saudoso Tateto Benedicto José Argolo (Tateto Mutalandê). Pai Bené, como era chamado em vida, indicou sua filha biológica e de santo como herdeira do terreiro. Depois, quando veio a falecer, através do jogo de búzios, se confirmou a indicação e assim a Mameto Nane de Óxossi assumiu o legado do pai, em outubro de 2019<sup>5</sup>.

O terceiro e último terreiro no qual se dará a investigação aqui proposta é o Ilê Asé Olú Obá Ifá, da Yalorixá Eva T’Omolú, o qual tenho a honra de fazer parte, localizado em Catu, é o único terreiro jeje da cidade. Mãe Evá foi a única sobrevivente do seu parto, a mãe e o irmão - que era gêmeo – morreram tornou-se abikú, que significa quem carrega a vida dos que

---

<sup>2</sup> A nação Angola se desenvolveu entre os africanos escravizados que falavam a linguagem Kimbundo e Kikongo. Eles tem uma maneira diferente de cantar, dançar e percutir seus tambores. Na hierarquia de Angola o cargo de maior importancia é para homem Tata Nkisi e para mulher Mameto N’kisi (de inquices), que correspondem ao Babalorixá e a Iyalórisa dos Yorubas e o Deus supremo é Zambi (Nzambi) ou zambiapongo. O candomblé de Caboclo é uma modalidade desta nação, e cultua os antepassados. Disponível em <Nações do Candomblé - Conheça TODAS Elas: Ketu, Nagô e Jeje (luzumbanda.com) > Acessado: 01/12/2021.

<sup>3</sup> Em Jeje é cultuado as dinvidades chamadas Voduns, cujo o Deus supremo é Mawu, a quem são subordinados, assim como Olódúmaré o Deus supremo dos Orixás Yorubás. O culto aos Voduns teve ênfase na Bahia, conhecido como candondoblé Djedje, e no Maranhão Tambor de Mina. Algumas casas tiveram influencias dos yorubás, formando o que se chama de cultura Jeje Nagô. Disponível em <Nações do Candomblé - Conheça TODAS Elas: Ketu, Nagô e Jeje (luzumbanda.com). > Acessado: 01/12/2021.

<sup>4</sup> A nação Ketu se diferencia das outras nações pelo idioma utilizado, o Yorubá no toque dos seus atabaquesasas tiveram influencias dos yorubás formando o que se chama a cultura Jeje Nagô, nas cores e simbolos dos Orixás, e ans cantigas; os fundamentos são passados oralmente por sacerdotes de Orixás que são chamados de Babalorixá (masculino) e Iyalòrisà (feminino). Disponível em <Nações do Candomblé - Conheça TODAS Elas: Ketu, Nagô e Jeje (luzumbanda.com) > Acessado: 01/12/21.

<sup>5</sup> Anotações do diário de campo para a elaboração do projeto de pesquisa (outubro 2019).

morreram e recebeu todo o axé de sua mãe no ventre e durante o parto. É a Mãe-de-santo mais velha, conhecida e respeitada de Catu.

Neste sentido, minha pesquisa pretende: Levantar, descrever e compreender a ressignificação do turbante na afro-diáspora. Mostrando as múltiplas funcionalidades dos ojás nos terreiros de candomblé. Trazendo para o grande público a riqueza da pesquisa de forma didática colocando-as a saber diferenciar os ojás dos turbantes, e olhá-los não só nas cabeças mas percebê-los também nos corpos e sacralidades.

A organização mostrará as divisões comuns que devem delinear um projeto de pesquisa de nível acadêmico estabelecido pelo colegiado do curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Dentre os componentes que compõem este trabalho, ressaltam-se: Introdução, tema, problema da pesquisa, justificativa, objetivos (geral e específicos), procedimentos metodológicos, arcabouço teórico, cronograma, referências bibliográficas, acrescentando-se a estes, o glossário e os anexos.

## **2 TEMA**

A historicidade e os sentidos antropológicos dos ojás nos terreiros de candomblé, tendo em vista seu lugar como fenômeno artístico e afroreligioso.

## **3 PROBLEMA DA PESQUISA**

Ao vermos uma pessoa de turbante nas ruas acreditamos ser um mero adereço casual sem significado. Porém, a prática de usar turbantes tem variadas motivações, como resistências, religiões, histórias e culturas. Já no Candomblé, pode ser chamado também de ojú, sendo um acessório integrante do vestuário dos adeptos das religiões de matrizes africanas. Nesse contexto, esta pesquisa buscará responder a seguinte questão: *Quais os simbolismos dos Ojás dentro dos terreiros de candomblé das nações congo-angola, jeje e ketu na Bahia?*

#### 4 JUSTIFICATIVA

“Os orixás tomam suas roupas, são vestidos, paramentados, enfeitados para cavalgar seus filhos, tomar seus corpos e executa suas danças sagradas.”  
(ELIADE, 1999, p.20).

O Uso dos turbantes foi ressignificado e usado como forte símbolo do empoderamento da mulher negra na afrodiáspora, conectado com a cultura carrega a estética ancestral e política. Já inserido no contexto do Candomblé essa ferramenta simbólica conta as histórias dos orixás, nkises, voduns, hierarquias e ancestralidade, cada tipo de amarração tem seus sentidos e materialidades.

O candomblé é uma religião mundializada, mas pouco conhecemos sobre a importância do uso dos ojás usados pelos seus adeptos. É de extrema importância conhecer os seus significados e simbologias dentro dos terreiros principalmente na Bahia, estado de resistência afrodiáspórica.

Nos terreiros de candomblé os ojás não são apenas utilizados no orí (cabeça em Iorubá), como costumamos observar, ao adentrar esse universo sagrado teremos percepções de que o ojá não adorna só a cabeça, pois sua missão primordial é cobrir tudo que é sagrado para os orixás, nkises e voduns.

Atualmente no cenário brasileiro, temos inúmeras pesquisas voltadas para o fenômeno da história do turbante, graças aos nossos irmãos pretos que estão adentrando nas universidades federais, encabeçando espaços com a garra de pesquisar sobre nosso povo sobre a ótica do lugar de fala.

Nesse sentido, a proposta do projeto é trazer a magnitude dos ojás fazendo o meu leitor perceber que o turbante e o ojá têm diferenças e funcionalidades. Outra percepção sobre o seguinte projeto é trazer uma maior visibilidade, visto que temos poucos artigos, livros e entrevistas que falem sobre essa temática. O mundo afroreligioso comunica e nos liga à nossa ancestralidade, como no conceito sankofa<sup>6</sup> que serve de inspiração para deixar o legado dessa pesquisa a mover novas descobertas científicas. Dessa maneira, quero com esse tema contribuir

---

<sup>6</sup> Parte de um conjunto de ideogramas chamados adinkra, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro. Essa ética transparece na pesquisa, o esforço de recuperar a ancestralidade. Disponível em <Sankofa e as políticas de ações afirmativas: Olhar o passado para construir o futuro - Geledés (geledes.org.br) > Acessado: 01/12/2021.

para uma melhor compreensão relacionados a religião afro-brasileira fortalecendo o entendimento sensível e humano desse mundo afrossagrado.

## **5 OBJETIVOS**

### **5.1 OBJETIVO GERAL**

Compreender as funcionalidades do turbante/ojá usado no candomblé na Bahia das nações congo-angola, jeje e ketu, como ferramenta fundamental para o exercício da ancestralidade e espiritualidade nessa religião afro-brasileira.

### **5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar os significados sociais, políticos, hierárquicos e espirituais dos ojás no candomblé na Bahia das nações congo-angola, jeje e ketu;
- Destacar as funcionalidades das amarrações dos ojás no cotidiano dos terreiros de candomblé;
- Contextualizar historicamente a importância da nação ritual teológica vista nas nações congo-angola, jeje e ketu.

## **6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Segundo Denzin e Lincoln (2006, p.15), “a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. Seguindo essa linha de raciocínio, a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que os envolvem.

Este projeto se valerá de metodologias de natureza qualitativa, historiográfica, documental e etnográfica. Baseada no cruzamento da tradição oral com as fontes escritas junto com a utilização de diferentes possibilidades técnicas e instrumentos bibliográficos como:

leituras de livros, dissertações, teses, análises dos mais diversos documentos, jornais, alvarás de licenças, fotografias e cartas. Também utilizei das técnicas de entrevistas, registro em diário de campo, observação participante, convivência com os membros dos terreiros, nos períodos de festas públicas e internas, descrevendo, apreciando e interpretando o fenômeno da pesquisa, suas particularidades e experiências sobre os ojás em cada nação dos terreiros citados.

Existem vários autores e obras de referências que explicam com muita precisão as histórias do candomblé na Bahia, as nações, os rituais, os orixás, dentre variados assuntos importantes para entender e aprender sobre essa religião. Desses estudiosos é necessário destacar os historiadores e antropólogos Nicolau Parés (2007) e Marlon Passos (2016).

Na visão de Parés (2007, p.13) “embora não seja uma metodologia totalmente nova, a história e etnografia foram utilizadas com pouca frequência nos estudos afro-brasileiro, diz respeito ao uso complementar de fontes escritas e orais, em combinação com a análise dos comportamentos rituais”.

Próximo a essa perspectiva, para Passos (2016, p.21) “a pesquisa etnográfica, alicerçada em leituras teóricas e historiográficas aprofundam conhecimentos não só sobre as religiões de matrizes africanas, como também sobre muito dos legados culturais trazidos (e inventados), ao longo do processo diaspórico, pelos negros africanos”.

Ainda nessa junção entre história e antropologia, me debruço no percurso adotado na pesquisa etnográfica sobre o universo afrorreligioso pela Ruth Landes em seu livro *A cidade das mulheres* (1967), que se dirige, em essência, a compreender a liderança feminina e o poder das mulheres nos terreiros. Landes analisou interagindo com os mesmos durante sua pesquisa de campo que impactou o conceito de matriarcado nos candomblés da Bahia, contando histórias e compartilhando experiências por meio de narrativas baseadas em suas observações.

No que tange à abordagem, o desenvolvimento da pesquisa será norteado pelas seguintes etapas:

(I) Visitação aos terreiros Ylé Axé Ominikan, da mãe Suely de Oxum em Candeias, Onzo Matondo Tata N’Zambi, em São Sebastião do Passé, de mãe Nane de Oxóssi, e o Ilê Asé Olú Obá Ifã, em Catu, de mãe Eva T’Omolu.

(II) Entrevistar os mais diversos cargos do corpo sacerdotal e os membros das comunidades com o roteiro base. Sendo os três terreiros entrevistados simultaneamente. Ao se falar em entrevista como técnica privilegiada de comunicação e coleta de dados, Minayo (2010) destaca que se trata da estratégia mais utilizada no trabalho de campo, ressaltando o seguinte conceito:

[...]é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo. (MINAYO 2010, p. 261).

(III) Recolher e descrever os dados descritivos das declarações precisas para a construção do entendimento sobre o fenômeno “ojá” e suas funcionalidades dentro de cada terreiro e nações.

Por fim, além do texto monográfico será construído através das entrevistas do corpo sacerdotal dos terreiros nação congo-angola, jeje e ketu um trabalho audiovisual para elucidar os fatos narrados das entrevistadas, revelando as representações culturais, traduzindo consciências coletivas e imaginários das sociedades situadas no espaço-temporalmente no contexto em que são produzidas.

## 7 ARCABOUÇO TEÓRICO

Segundo Brito (2020), a origem do turbante é desconhecida, há indícios de que no Oriente Médio, o turbante era usado antes mesmo do surgimento do islamismo. Na história, um dos registros mais antigos vem de Kemet (Egito Antigo). A peça era um elemento fundamental do vestuário faraônico, denominada nemés, e tornou-se bastante conhecida por ser usado pela esfinge de Gizé e também por aparecer na famosa máscara de Tutankhamo<sup>7</sup>.

Os usos mais comuns eram na Índia, Bangladesh, Paquistão, Afeganistão, Oriente Médio, Norte da África, Leste da África (principalmente no Quênia), no Sul da Ásia e em algumas regiões da Jamaica. Em África é uma peça usada tradicionalmente como dia-a-dia, em cerimônias religiosas e casamentos. É nesse contexto que a designer de moda e pesquisadora Thaís Muniz (2018) diz em sua entrevista ao canal Londres.tv<sup>8</sup>:

O turbante é um movimento mundial de reconexão de pessoas pretas com estéticas ancestrais, que foram rejeitadas por séculos, por causa da opressão que o racismo traz para o nosso povo. É uma herança trazida, principalmente pelos africanos trazidos como escravos da Nigéria. Quem conhece um pouco da história do Brasil, sabe-se que uma das grandes revoltas contra a escravidão é chamada de Revolta dos Malês. Foi um movimento contra a imposição da religião católica aos muçulmanos vindos do Mali. Ligando os pontos, é fácil perceber porque entre os descendentes do Mali o

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2020/09/4874692-orgulho-ancestral-turbante-se-torna-simbolo-de-reapropriacao-cultural.html>> "Orgulho ancestral: turbante se torna símbolo de reapropriação cultural (correiobraziliense.com.br)" > Acessado: 20/01/2022.

<sup>8</sup> Entrevista disponível em: <Turbante-se - Um Projeto de Thais Muniz : Canal Londres > Acessado: 20/01/2022.

turbante é uma forma de conexão com a religiosidade, sem que o uso das palavras seja necessário.

Há diversas religiões no mundo que cobrem a cabeça por entender que essa área é sagrada, os seguidores do Candomblé, do Islã e os Sikhs<sup>9</sup> na Índia, são exemplos de grupos sociais que têm esse ponto em comum. Nota-se que a diáspora trouxe a influência africana nos processos de formação da cultura afro-brasileira. Sendo este cruzamento resultado de um longo processo que propiciou uma riqueza cultural peculiar no Brasil, partimos para a o conceito de diáspora apresentado por Santos (2008):

A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afrodescendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a ideia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida. A partir desses sentidos possíveis, a palavra diáspora tem servido para múltiplos usos, por exemplo, como conceito nos estudos culturais e pós-coloniais e como motivo de identificação étnico-racial na busca do paraíso perdido dentro e fora da África. (SANTOS, 2008, p.181).

Seguindo esse conceito de ressignificação afrodiáspórica: O candomblé veio para reunir o melhor dos dois mundo a conexão entre África e Brasil. Sendo uma organização social que contribui para restabelecer aos negros e afrodescendentes vínculos baseados em laços de parentesco religioso dos quais foram destituídos de referência devido a escravidão. Alessandra Nascimento (2010) ratifica essa ideia:

A organização social dos terreiros Candomblé (egbés) estruturado com base nas famílias-de-santo a partir de uma hierarquia de cargos e funções, a adoção de um nome religioso africano quando de sua iniciação, o compromisso com seu deus pessoal e ao mesmo tempo com seu pai ou mãe-de-santo, contribui para restabelecer aos negros e afro-descendentes vínculos baseados em laços de parentesco religioso do qual foram destituídos de referência devido a escravidão. (NASCIMENTO, 2010, p.936).

A partir da exposição acima, a ideia de diáspora deu o redirecionamento de parentesco e pertencimento sobre a filiação parental nos candomblés, o antropólogo e professor Vivaldo da Costa Lima (2003) apresenta sua análise sobre a família de santo:

A filiação nos grupos de Candomblé é a rigor, voluntária, mas nem por isso deixa de obedecer aos padrões mais ou menos institucionalizados das formas de apelo que

---

<sup>9</sup> A religião ou seita dos sikhs é, de todos os credos da Índia, a que mais vivamente tem contestado o bramanismo hindu, maioritário e dominador no país. Disponível em <Sikhs - Infopédia (infopedia.pt) > Acessado: 20/01/2022.

determinam a decisão das pessoas de ingressarem formalmente num terreiro de Candomblé, através de ritos de iniciação. Essas formas de chamamento religioso se enquadram no universo mental das classes e extratos de classe de que provém a maioria dos adeptos do Candomblé, e são, geralmente interpretação de sinais que emergem dos sistemas simbólicos postulados. (LIMA, 2003, p.64).

Para finalizar a abordagem deste capítulo o papel principal do candomblé é restituir nossa identidade cultural, conectando-nos com a nossa família de santo que nos situa neste universo afrossagrado, mantendo viva a herança cultural religiosa dos africanos e seus afrodescendentes nos terreiros de candomblé.

### 7.1 O OJÁ COMO ARTE E MODA

Para os africanos e afrodescendentes, as artes dos corpos são processos que constroem o amplo e diverso campo da arte, que também é a do uso, da transformação e experiência cotidiana. Lody (2004) reforça:

A unidade do imaginário africano se materializa nas manifestações estéticas integradas à vida e à sociedade. Está justamente nessa compreensão de arte o significado de cada penteado africano, fazendo do que é belo um lugar de profundo significado para a ordem, a religião, as organizações sociais e políticas. (LODY, 2004, p. 75).

A dimensão das vestes no universo religioso do candomblé, traduz os aspectos identitários que buscarei para analisar a utilização religiosa do ojá no cotidiano dos terreiros por mim estudados.

As roupas que compõem as vestes litúrgicas dos orixás e mesmo aquelas que os adeptos usam como parte da indumentária do terreiro constituem por isso alguns das imagens mais populares da religião. A roupa da baiana composta pelo torço branco ou colorido, saia rodada e camizu (pequena bata) de richelieu e o pano da costa levado sobre o ombro é um exemplo dessa arte religiosa do vestir derivada tanto de uma estética africana como da imposição de uma moda europeia. Atualmente a arte de produzir essa vestimenta que envolve a tecelagem e o bordado, aplicação de rendas e outros acabamentos e um conjunto de técnicas manuais de amarração de torços e execução de laços têm sido preservados nos terreiros como legado de um importante conhecimento artístico-religioso. (SILVA, 2008, p. 97-113).

Entendendo o ojá como uma indumentaria de extrema sacralidade potencializo a ideia da jornalista Renata Pitombo Cidreira (2015):

A roupa, compreendida na sua dimensão simbólica, é um elemento importante na constituição cultural; reforça mitos e signos, reestrutura valores e tradições. Tais aspectos são claramente observados no âmbito das construções socioculturais das

etnias africanas que recriam, no Brasil, formas peculiares de culto e de significação das vestes no processo de adoração ao sagrado. (CIDREIRA, 2015, p.22).

Os autores e autoras aqui apresentados darão fundamentação em consonância a outros que virão, trarão fundamentação teórica a esta pesquisa, que busca trazer o ojá como uma experiência fundamental da vida ritualística praticada nas nações congo-angola, jeje e ketu.

## 7.2 UMA LUZ QUE ILUMINA MEU CAMUTUÊ<sup>10</sup>: A VIDA DOS OJÁS

O antropólogo Raul Lody (2004) descreve: “a cabeça e tudo o que ela representa une o mundo contemporâneo à ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue povos e sociedades” (LODY, 2004, p.98).

Nessa perspectiva o orí (cabeça em Iorubá) é um elemento fundamental para a conexão sagrada, tendo a missão primordial de cobri-la, pois acredita-se que todos os fundamentos estão lá, sendo ela a primeira a vir ao mundo carregando toda conexão direta com seu orixá de cabeça.

Compartilhando do mesmo ponto de vista Odé Kileuy e Verá de Oxaguiã (2009) menciona:

O orí é o nome da nossa cabeça física para os iorubás; camutuê ou mutuê para os bantus; e tá para a nação fon. É o órgão vital que responde pelos nossos sentidos e pela nossa inteligência. Geralmente o orí é o primeiro a chegar ao mundo, no nosso nascimento. É também a parte mais alta do ser humano, onde se localiza o comando maior do corpo físico, o cérebro. O orí é uma divindade que serve apenas a seu filho, pois é individual e unitário. Ele cuida e participa ininterruptamente da vida da pessoa, porque, possuidor e possuído, é quem faz a ligação entre o homem e o seu orixá. O que o orí determinar, orixá algum poderá descumprir, sendo isso necessário para o bom equilíbrio da vida física e sagrada do ser humano. (KILEUY E VERA, 2009, p. 91).

Buscando compreender o papel ritual dos ojás nas cabeças, corpos e nos objetos dimensionados as sacralidades, dentro dos terreiros de candomblé pela amarração do ojá percebe-se as hierarquias do corpo sacerdotal. Nos corpos ele cobre e enfeita o que é sagrado para os orixás, nquices e vodunces, nas ayabás (orixás femininos) são em formas de grandes laços robustos, nos oborós (orixás masculinos) os ojás são em forma de tiras.

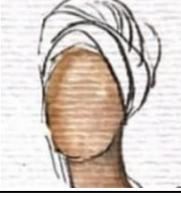
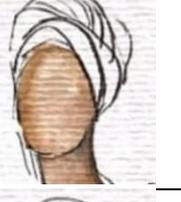
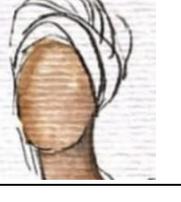
E nas sacralidades indica tudo que é prodigioso para os orixás nquices e vodunces a exemplo das amarrações dos ojás feitas nas árvores, animais, atabaques, tronos e outros

---

<sup>10</sup> Continuação da música: A força que vem da raiz, cantada por Mariene de Castro e Maria Bethânia. Composição Roque Ferreira.

dimensionando suas funções. Porque como já pude perceber o uso do ojá é uma experiência imprescindível para este modo de vida que é chamado de candomblé.

## 8 CRONOGRAMA

| ETAPAS                                  | I° SEMESTRE   | II° SEMESTRE  | III° SEMESTRE  | IV° SEMESTRE  |
|---|---|---|--|---|
| LEVANTAMENTO E SELEÇÃO DE BIBLIOGRÁFIAS |    |    |    |   |
| COLETA DE DADOS                         |   |   |  |   |
| PESQUISA DE CAMPO                       |  |  |  |   |
| ESCRITA MONOGRAFIA                      |  |  |  |  |
| REVISÃO DA ESCRITA.                     |   |   |  |  |
| DEFESA                                  |   |   |  |  |

## Referências

- CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Civilização brasileira, 1991.
- CIDREIRA, Renata Pitombo. **As vestes da boa morte Salvador**. UFRB, 2015. DUARTE, Cristina L. O que é moda. Lisboa: Quimera, 2004.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. IN: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ArtMed, 2006, p.15-41.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O Candomblé bem explicado: nações Bantu, Ioruba e Fon**. Org. Marcelo Barros. Rio de Janeiro: Pallas. 2009.
- LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Editora UFRJ, 2ª Edição. Rio de Janeiro, 2002.
- LIMA, Vivaldo da Costa. **A Família de Santo: nos Candomblés jejes-nagôs da Bahia, um estudo de relações intergrupais**. Salvador: editora corrupio, 2003.
- LODY, Raul Giovanni da Motta. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Ed.Senac Nacional, 2004.
- LODY, Raul Giovanni da Motta. **Moda e História: As indumentárias das mulheres de fé**. Editora: Senac. São Paulo, 2015.
- MINAYO, M.C. de S. (2010). **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010, pág. 261.
- NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil**. In: RBSE, 9 (27): 923 a 944, dezembro de 2010.
- OLIVEIRA, E. D. de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia E Educação (RESAFE)**, (18), 2012, 28-47.
- PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.
- PASSOS, Marlon Marcos Vieira. **Iyá Zulmira de Zumbá: uma trajetória entre nações de Candomblé – Salvador**, 2016.
- SANTOS, José António dos. "Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida". In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2.

SANTOS, Jair Cardoso dos. **Candeias história da terra do petróleo**. Gráfica Salesiano, Salvador, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte Religiosa Afro-Brasileira: As múltiplas estéticas da devoção brasileira. In: **Debates do Ner**, ano 9, n.13 – p.97-113, Jan/Jun. Porto Alegre, 2008, p. 101.

VIANA, Fausto; MUNIZ, Rosane. De quando o Conde Drácula conheceu a baiana. In: **Revista Dobras**. Número 8. Editora Estação das Letras. Barueri, São Paulo: 2007.

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

## GLOSSÁRIO

**Abiã:** Noviço, candidato à iniciação no candomblé.

**Axé:** Poder, energia ou força presentes em cada ser ou em cada coisa.

**Candomblé:** Religião brasileira de culto a orixá, nkises e voduns de matrizes africanas.

**Família de santo:** Grupo de culto. Não se restringe a um único terreiro, mas tece genealogias complexas entre os diferentes terreiros de um mesmo axé, parentesco religioso.

**Ialorixá:** Sacerdotisa; mais alto grau hierárquico (feminino) de um terreiro; “mãe de santo”. Esse cargo é também denominado como mameto.

**Ilê Axé:** Casa de força.

**Ilê:** Casa.

**Jogo de búzios:** Prática de adivinhação com a ajuda de conchas. Também chamada dillogun.

**Nação:** Divisão interna do candomblé. O conceito perdeu sua conotação étnica e possui hoje um significado mais político que teológico. São “nações” de candomblé: ketu, ijexá, jeje, efon, angola, congo, caboclo.

**Nkisis:** Inquice, enquice, equice ou iquice (em quimbundo: nkisi) são similares aos orixás dos candomblési de Angola e do Congo.

**Ogã:** Cargo ritual exclusivo dos homens que não entram em transe. Protetor do terreiro.

**Ojá:** Ornamento (em geral um laço) feito com tecido branco.

**Orí:** Cabeça.

**Orixá:** Nome comum e genérico atribuído às divindades africanas que, trazidas ao Brasil pelos negros escravizados, foram incorporadas por várias denominações religiosas; trata-se de ancestrais divinos que se materializam em forças da natureza, mediando as relações entre o homem e os seres sobrenaturais.

**Povo de santo:** O conjunto dos crentes dos cultos afro-brasileiros.

**Terreiros de candomblé:** São comunidades que expressam os seus valores ancestrais, os seus modos de vida, as práticas cotidianas, suas crenças e cultos das suas pertenças sagradas

**Vodunces:** São as divindades da nação Jeje.

**Yabás:** Mãe Rainha, é o termo dado aos orixás femininos.

**Anexos**



Terreiro Onzó Matondo Tata N'Zambe, São Sebastião do Passé/BA. 2019. Nação Angola.

Fonte: Acervo do Terreiro Onzó.



Mãe Nane de Óxossi Nação Angola, São Sebastião do Passé/BA.

Fonte: Acervo terreiro Onzó.



Ilê Asé Olú Obá Ifá, Catu/BA. 2018. Nação Jeje.

Fonte: Acervo do terreiro.



Mãe Eva T'Omólú, Nação Jeje, Catu/BA.

Fonte: Acervo do terreiro.



Mãe Eva T'Omólú e Ananda de Yewá, Catu-Ba.

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Ylê Axé Ominikan, Candeias/BA, 2019, Nação Ketu.

Fonte: Acervo pessoal do terreiro.



Mãe Suely de Oxum, Nação Ketu, Candeias/BA.

Fonte: Acervo pessoal do terreiro.